

O humor e as faces do Supereu

Humor and the faces of the Superego

El humor y las caras del Superyó

L'humour et les visages du Surmoi

LUCAS PEREIRA LUCENA

LAÉRIA FONTENELE

O presente texto objetiva empreender uma discussão sobre a concepção freudiana de humor, dando ênfase à participação do Supereu na criação e disposição humorística. Pretende-se, inicialmente, evidenciar a metapsicologia do humor a partir dos textos freudianos “O chiste e sua relação com o inconsciente” (1905) e “O humor” (1927), destacando a introdução do conceito de Supereu a fim de elucidar a atitude do humorista para consigo mesmo; em seguida, realizar uma articulação entre as noções e conceitos de desamparo, castração, angústia e morte a fim de relacioná-los ao Supereu em sua face tirânica. Por fim, discutir a participação do Supereu no processo humorístico a partir da tese freudiana do seu superinvestimento e de estudos de autores contemporâneos que contribuíram para o avanço do entendimento da disposição do Supereu, qualificada como benevolente. Trata-se, portanto, de uma revisão de literatura, cujos achados apontaram para uma visão vivificante do Supereu, que permite ao sujeito gozar, mesmo diante das adversidades da vida e das suas vulnerabilidades, por meio da simbolização da castração e da erotização do Supereu.

Palavras-chave: Humor. Psicanálise. Supereu. Angústia. Castração.

Introdução

Com o Humor é possível se safar das amarguras da vida e sorrir como quem se deleita da sua última refeição, pois o sujeito-humorista detém o dom de dissipar a Angústia ao desvelar o lado cômico daquilo que se mostra demasiadamente trágico. Segundo Freud (1927/2014), o Humor representa a vitória do Princípio de Prazer sobre as adversidades da realidade, caracterizando-se por uma espécie de enfrentamento ante às ameaças de desprazer, o que o aproxima da série de meios que o psiquismo humano desenvolveu para se livrar do sofrimento.

Freud aborda a questão do humor pela primeira vez em seu texto de 1905, *O chiste e sua relação com o inconsciente*, retornando ao tema pouco mais de duas décadas depois, em 1927, no pequeno escrito homônimo apresentado no X Congresso Internacional de Psicanálise. Todavia, o humor não se fez presente apenas entre os interesses teóricos de Freud, que dedicou parte de sua obra ao tema do cômico, mas em sua vida, no modo como encarava as intempéries do seu tempo e a proximidade da própria morte (GEREZ AMBERTÍN, 2009; KUPERMANN, 2010; RICHTER; SOUZA, 2021; BARTH, 2016).

Peter Gay (1989 apud KUPERMANN, 2010) narra um episódio da vida de Freud que demonstra sua disposição para o humor. Em um bilhete escrito em sua partida para o exílio, o psicanalista afrontou a Gestapo, polícia da Alemanha nazista, com uma pilhéria em que recomendava, ironicamente, o seu tratamento a todos. Ernest Jones (1962 apud GEREZ AMBERTÍN, 2009) conta que pouco antes de sua morte, Freud, que já não conseguia se alimentar devido o estado avançado de seu câncer na mandíbula, escolheu “A pele de onagro” de Balzac como seu último livro e o fez o seguinte comentário: “É justamente o livro de que preciso. Ele trata da fome” (GEREZ AMBERTÍN, 2009, p. 136). Rir diante da morte, substituindo a Angústia pelo prazer de um sorriso, não parece nada fácil, contudo, Freud nos mostra em seu texto e nesses testemunhos que não se trata de uma tarefa impossível. Atribui esse “dom precioso e raro” (FREUD, 1927/2014, p. 330) a uma disposição pouco conhecida do Supereu, que o levou a considerar que ainda há muito o que se aprender sobre a natureza desta instância psíquica.

Ao decifrar o processo humorístico, o que Freud (1927/2014) revela é a face benevolente do Supereu, até então era conhecido por sua expressão severa. O Supereu, portanto, ganha novos contornos e se mostra amável; fazendo com que o Eu se torne capaz de rejeitar a realidade que lhe aflige e ameaça, através da adoção de uma postura bem-humorada. Se de um lado Freud identifica uma disposição sádica do Supereu, de

outro demonstra que este pode assumir uma postura irreverente e amável para com o Eu. Também é possível reconhecer que o hiperinvestimento do Supereu pode levar a destinos bem opostos, tendo em vista o papel desempenhado pela instância na Melancolia e no Humor. Vale assinalar que a proximidade da morte pode despertar tanto Angústia quanto riso.

Este cenário de contraste é o que atravessa e impulsiona a escrita do presente texto, que visa empreender uma discussão sobre a concepção freudiana de humor, dando ênfase à participação do Supereu na criação e disposição humorística, de modo a vislumbrar a trama psíquica que lhe dá sustentação. A fim de introduzir a face mais conhecida do Supereu, pretende-se abordar a Angústia em sua íntima relação com a Castração e os mandatos superegóicos, realizando assim um paralelo com as consequências do processo humorístico, no qual se verifica o afastamento de uma realidade que se mostra potencialmente “castradora”, sem, no entanto, negá-la, mas admitindo a Castração e substituindo a Angústia pelo prazer do riso.

Do ponto de vista metodológico, parte-se dos textos em que Freud se dedica ao cômico, *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905) e *O humor* (1927), a fim de tecer considerações acerca da sua metapsicologia do humor. Também serão utilizados textos contemporâneos à segunda tópica freudiana e que antecedem a publicação de *O humor* de 1927 para elucidar o modo como Freud concebia o Supereu e a relação que estabelecia com outros conceitos como Angústia, Desamparo, Castração e Morte. Por fim, se discute como o sujeito pode se servir do humor para enfrentar a realidade, por vezes mortífera, e o papel do Supereu na execução dessa empreitada. Na intenção de esclarecer as proposições freudianas e ir mais além dos textos clássicos, recorre-se às formulações de comentadores como Maria Rita Kehl, Marta Gerez Ambertín, Daniel Kupermann, Luis Pereda, dentre outros que se dedicam ao estudo do humor na obra de Freud e investigaram o lugar do Supereu nesse processo.

O Humor na Metapsicologia

Freud não chegou a dedicar muitas páginas ao Humor, mas sua relevância se torna evidente quando consideramos que ele não só o explora no seu texto sobre os Chistes como o retoma com o advento da segunda tópica, fazendo com que estivesse presente nos dois grandes momentos da sua obra. Durante a primeira tópica, em *O chiste e sua relação com o inconsciente* (1905), apresenta o Humor de maneira sucinta, diferenciando-o dos

outros processos que compõem a comicidade e dando destaque a sua grandeza em relação ao Chiste e ao Cômico.

O Humor foi concebido inicialmente como uma espécie de defesa psíquica e sua explicação girava em torno de uma hipótese econômica, que o considerava uma forma de interromper o desenvolvimento de afetos indesejáveis, poupando o sujeito do desprazer e ainda favorecendo a emergência de um prazer suplementar através da criação humorística.

Trata-se de um mecanismo que visa a evitação de afetos como compaixão, desespero, indignação, dor, raiva e irritação. Neste sentido, o sujeito poupa a si mesmo de qualquer desprazer que as adversidades possam vir a ocasionar, tanto se protegendo quanto se sobressaindo às situações trágicas através de produções risíveis. Desse modo, situações que, em geral, despertariam tais afetos passam a figurar como oportunidades para o ganho de prazer. Para Freud (1905/2017, p. 329), “o reino do humor está sempre se ampliando à medida que o artista ou escritor consegue dominar humoristicamente emoções até então indomadas, tornando-as fontes de prazer humorístico”.

A defesa é um correlato psíquico do reflexo de fuga e visa a evitação do desprazer por meio de mecanismos como o Recalque, que quando malogrado pode desembocar numa psicose. De acordo com Freud (1905/2017, p. 331), o Humor

se recusa a subtrair à atenção consciente o conteúdo de representação ligado ao afeto doloroso, como faz a repressão, e supera assim o automatismo da defesa; ele faz isso encontrando os meios para retirar a energia da liberação de desprazer já mobilizada e, pela descarga, transformar esta última em prazer.

Verifica-se, portanto, uma diferença em relação ao Recalque, uma vez que por meio do Humor o sujeito não se furta a representação que despertaria o afeto penoso, logo, supera o que o psicanalista chama de automatismo de defesa. Além disso, aponta que, assim como o Chiste, o Humor mantém uma relação com o infantil, pois a postura assumida pelo humorista faz ele sorrir dos afetos atuais que lhe perturbam, tal qual um adulto sorri dos afetos que lhe amedrontavam na infância. Desse modo, com a mesma complacência com que um adulto trata uma criança amedrontada, o humorista trata a si mesmo.

No decurso da elaboração freudiana da metapsicologia, a explicação econômica dada em 1905 já não parecia suficiente e era necessário desvelar a força motriz por trás

desse câmbio de afeto e da posição do humorista frente a realidade adversa. Vinte e dois anos depois, em 1927, é revelada a dinâmica que rege o aparelho psíquico na criação humorística. Freud (1927/2014) introduz uma versão até então desconhecida do Supereu, que se relaciona de uma maneira inteiramente nova com o Eu. Segundo o autor, há um deslocamento de investimento libidinal que permite ao Eu ceder o seu acento psíquico ao Supereu, o que se dá por meio de um superinvestimento deste último, isto é, a libido que estava no Eu é direcionada para o Supereu, o que faz com que o Eu se encolha e seus interesses se revelem minúsculos aos olhos do Supereu (FREUD, 1927/2014).

Essa alteração na economia e na própria dinâmica psíquica permite que o Supereu tranquilize o pequeno Eu ao enunciar que seus temores são triviais e não merecem tanta atenção. Freud (1927/2014, p. 326) retoma a comparação, já expressa em 1905, a respeito da postura do humorista àquela adotada pelo adulto em relação à criança:

[...] na medida em que reconhece e ri da futilidade dos interesses e sofrimentos que a ela parecem grandes. Então o humorista obteria sua superioridade por colocar-se no papel do adulto, por identificar-se de certo modo com o pai e reduzir os outros a crianças.

O mais surpreendente em todo esse processo é a capacidade do Supereu de acolher e lançar palavras afáveis ao Eu, uma vez que a face mais conhecida do Supereu é severa e costuma levar o Eu a gozar da renúncia e da culpa. O Supereu concede, portanto, um certo ganho de prazer, que é experimentado de modo exaltante e libertador pelo Eu. De acordo com Freud (1927/2014, p. 330) “o principal é a intenção que o humor realiza, seja atuando sobre a pessoa mesma ou sobre uma outra. Ele quer dizer: ‘Vejam, isso é o mundo que parece tão perigoso. É uma brincadeira de crianças, é bom para um gracejo!’”.

O que se constata é a disposição do Supereu em apaziguar, consolar e proteger o Eu daquilo que lhe aflige. Diante desta constatação, Freud (1927/2014) reconhece que ainda há muito o que se aprender sobre a natureza do Supereu. Portanto, para investigar que repercussões tiveram a indicação de Freud acerca da participação do Supereu no Humor, se faz necessário tecer considerações acerca do que já se sabia sobre essa instância psíquica e que tanto se afasta da disposição que a mesma exhibe no processo humorístico.

Angústia, Desamparo e Morte: Os nomes da Castração e o Supereu tirano

Traçando as indicações de Freud acerca da Angústia, destacam-se diferentes momentos em que há uma potencial irrupção desse afeto, que parece estar relacionado ao estado de desamparo, a perda ou separação do objeto, ao temor frente ao Supereu e a proximidade da morte, sendo cada um destes episódios reatualizações da chamada ameaça de Castração. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud (1926/2014) se refere a Angústia como um afeto que vem sinalizar a proximidade de perigo. Articula, assim, o seu despertar à Castração, esclarecendo que o Eu reconhece a existência de uma ameaça e desencadeia o afeto, causando-lhe desprazer.

De acordo com Freud (1926/2014), o nascimento constitui a experiência primária de Angústia, visto que marca o fim de uma vida sem perturbações no interior do útero materno e a chegada no mundo externo com todas as excitações nela envolvidas. Ao contrário das espécies que possuem instinto, o ser humano se encontra em estado de completo Desamparo, sendo incapaz de sobreviver sem os cuidados de um outro. A mãe surge, portanto, como um substituto da vida intrauterina, vindo restabelecer o estado de homeostase por meio da satisfação das necessidades do bebê, evitando ou dando um fim ao desprazer que porventura apareça.

Na ausência materna, o estado de Desamparo reaparece e a criança se angustia. Diante disso, considera-se que a perda do objeto materno equivale à perda das satisfações que o mesmo viria a garantir. Quando não satisfeitas, as necessidades se tornam fonte de fortes excitações e geram desprazer, aproximando-se da Angústia sentida na experiência traumática do nascimento. Nesse sentido, a Angústia também está vinculada à perda ou separação da pessoa amada, sendo a Castração algo que vai sendo experimentado a cada nova perda de objeto (FREUD, 1926/2014).

O Complexo de Édipo constitui o momento em que a ameaça de Castração se mostra mais evidente e a defesa que daí se opera é decisiva na estruturação do sujeito. Para Freud (1924/2017), a Neurose é consequência de um conflito psíquico, em que o Eu precisa manter-se contrário às exigências pulsionais do Isso. A solução para este conflito se dá no sintoma, que surge como consequência de uma defesa - o Recalcamento - ante a iminência de satisfação pulsional e o que ela pode representar: a Castração. Manter o investimento pulsional em relação ao objeto incestuoso vai contra à Lei instituída pela civilização, o que suscita a ameaça de Castração e faz com que o Recalque opere sobre o sujeito. Neste sentido, os sintomas constituem uma forma de se proteger da ameaça de Castração e da emergência da Angústia. Com o tempo, a Angústia se dissipa e só retorna

quando a falta de condição protetora reaparece, ou seja, quando o Desamparo se mostra patente.

Tratando da Neurose Obsessiva, Freud (1926/2014) revela que os seus sintomas são engendrados pela Angústia do Eu na presença de um Supereu tirano. Em 1923, já havia demonstrado a severidade com que o Supereu pode atuar nos casos de Neurose Obsessiva e, em especial, nos casos de Melancolia. Designando a culpa como um dos marcadores clínicos nas duas estruturas, Freud (1923/2011) afirma se tratar de um sentimento gerado pela tensão que se forma entre o Eu e o Ideal do Eu, isto é, o ideal pelo qual o Eu é julgado permanentemente. A culpa seria resultado da condenação do Eu pela instância superegóica, que exhibe sua fúria de forma impiedosa e desperta a sensação de perigo, da qual o neurótico obsessivo busca se defender e o melancólico se deixa abater (FREUD, 1923/2014).

Tanto o Ideal do Eu quanto o Supereu constituem heranças do Complexo de Édipo, pois resultam da identificação com o Pai, logo, são os representantes da imago paterna na psique. Isto faz com que as proibições, antes exercidas pelo Pai, se tornem desnecessárias com o desenvolvimento do Eu, uma vez que ele acolheu no seu interior uma instância psíquica que o vigia, de maneira ininterrupta, a fim de garantir a satisfação dos seus ideais. Nas tentativas de alcançar o Ideal do Eu, o que fica evidente é a tensão gerada entre aquilo que se espera que o Eu realize e aquilo que é capaz de realizar (FREUD, 1923/2011). Seus feitos se mostram sempre aquém do ideal, o que leva ao sentimento de culpa como efeito da impotência egóica perante às exigências do Supereu.

O castigo do Supereu se apresenta como uma variante da Castração e o Eu se protege da Angústia se submetendo aos seus imperativos. Mesmo que este não ponha seu desejo em ato, o Supereu sabe das intenções e pode puni-lo por isso, atormentando-o com críticas e recriminações. De acordo com Freud (1923/2011), o sujeito adocece como uma forma de compensar e castigar a si mesmo pelas falhas cometidas ante o Supereu.

O Eu se submete às injunções superegóicas e renuncia aos seus anseios pulsionais como uma forma de garantir o amor e a proteção da instância psíquica superior, pois o temível sentimento de perda do amor dos pais, vivido na infância, é substituído pelo temor de perda do amor do Supereu. Ambas despertam Angústia e surgem como um retorno do estado original de Desamparo. Segundo Freud (1926/2014, p. 86-87), “já não se trata da falta ou da perda real do objeto, mas da perda do amor do objeto”.

Referindo-se a formação da Neurose Traumática, Freud (1926/2014) aponta o medo da Morte como última dentre as causas da Angústia. O medo da Morte pode ser concebido como uma variação do medo da Castração, pois seria uma situação em que o Eu parece ser abandonado pelo Supereu protetor, encontrando-se novamente desamparado. Freud (1923/2011) localiza o medo da Morte entre o Eu e o Supereu, utilizando a Melancolia como modelo. Explica que, sentindo-se perseguido e odiado pelo Supereu, o Eu do melancólico se entrega à própria Morte, abandona a si mesmo da mesma forma que abandonou os objetos de investimento libidinal, uma vez que só vale a pena viver se encontra o amor no Supereu.

Na Melancolia, o Supereu está a serviço da Pulsão de Morte, considerando que “o componente destrutivo instalou-se no Super-eu e voltou-se contra o Eu” (FREUD, 1923/2011, p. 66), desse modo, ao se apoderar de todo o sadismo disponível na pessoa, o Supereu o impele a autodestruição. Sendo assim, o melancólico se reconhece como objeto e destina todos os impulsos hostis contra si mesmo, chegando ao ponto de tirar a própria vida.

O Eu demanda se sentir amado pelo Supereu, já que ele é o substituto da figura paterna e desempenha o papel de amparo e proteção do Eu. Para Freud (1923/2011, p. 73), “o Eu quando se acha ante um imenso perigo real, que não acredita poder superar com suas próprias forças. Vê-se desamparado de todos os poderes protetores e deixa-se morrer”. E é, justamente, nessas ocasiões que parece emergir o Humor.

O Eu, enquanto sede da Angústia, parece não sair ileso desses diversos cenários, onde a Castração vem assaltá-lo de diferentes modos. O Humor, no entanto, abre caminho para um novo cenário, no qual o Eu consegue driblar as adversidades que a realidade o coloca. O que não significa que seja sem perdas, muito pelo contrário, é justamente pela admissão da perda que se pode rir. O humorista lida com a ameaça de Castração através da sua simbolização, reconhecendo suas vulnerabilidades e o estado de Desamparo inerente à condição humana e longe de entrar em conflito e temer o Supereu, é acolhido por ele.

O dom do Humor

Freud instiga a comunidade psicanalítica a avançar na compreensão da natureza do Supereu quando apresenta um lado inexplorado e cheio de potencialidades dessa instância psíquica. Apoiando-se em parte da literatura disponível sobre Humor na

psicanálise, serão apresentados os desdobramentos realizados por pesquisadores e psicanalistas em torno da dinâmica psíquica que fundamenta o processo humorístico, demonstrando os desvios operados pelo Supereu para driblar as adversidades e proteger o Eu, sua relação com o Pai e a Castração, com a proximidade da Morte e com o processo sublimatório.

O Humor pode ser entendido como um recurso desenvolvido pelo homem para reagir a situações-limite; um modo de afastá-lo da realidade sem deixar que sucumba ao padecimento psíquico. Segundo Kehl (2002, p. 179), o humor seria uma espécie de “vingança verbal” do Eu, já que se trata de uma saída simbólica frente à ameaça de aniquilamento real. Nesse sentido, pode-se conceber o Humor como um acordo com Eros, em que o sujeito escolhe viver mesmo quando a Morte parece ser o seu próximo passo.

Chama atenção os exemplos utilizados por Freud para ilustrar este fenômeno, já que são majoritariamente casos de humor *patibular* (KUPERMANN, 2003) ou *cadafalso* (GEREZ AMBERTÍN, 2009, p. 135). Trata-se de episódios envolvendo condenados à guilhotina, que se encontram numa situação que remete ao Desamparo e a proximidade da Morte. Como no caso em que, prestes a ser executado, o bandido solicita que lhe dêem um cachecol, pois deseja evitar um resfriado. Certamente estamos diante de um Chiste, todavia, sua produção necessita de uma dose de Humor, uma vez que o condenado age como se não soubesse que sua Morte está em vias de se cumprir e diverte-se ao fazer um pedido completamente descabido (FREUD, 1905/2017).

Tal cena poderia despertar compaixão em quem a assiste, contudo, esse afeto é inibido quando o espectador percebe que o condenado faz pouco caso da situação. Logo, o gasto com a compaixão fica inutilizável e é descarregado pelo riso. “A indiferença do bandido [...] nos contagia, por assim dizer”, afirma Freud (1905/2017, p. 326). Portanto, destaca-se a grandeza contida no humorista, o qual parece desdenhar de seu destino nefasto. Para Kupermann (2003), o patíbulo é uma das representações da Castração e do Desamparo impostos ao aparelho psíquico na presença da Morte. O humor consiste, portanto, em uma criação frente ao Desamparo em sua forma mais radical, o que em muito se distancia da Angústia de Castração explorada por Freud em 1926, constituindo assim uma saída mais digna para o sujeito.

Segundo Gerez Ambertín (2009), um só passo faz cruzar a fronteira que separa a Angústia desmedida e o riso, um território que parece ser dominado pelo Supereu, o único capaz de transitar entre os dois pólos. Aqui uma aproximação entre o Humor e a

Melancolia se mostra pertinente, pois em ambos se verifica um esvaziamento libidinal do Eu em benefício do Supereu, contudo, as consequências deste mesmo processo parecem opostas quando se considera os casos isoladamente, dado que o Humor vivifica enquanto a Melancolia pode mortificar o sujeito. Logo surge a questão: como o hiperinvestimento do Supereu promove destinos tão contrários à Melancolia e ao Humor?

Acompanha a teorização freudiana sobre o Humor, a autora acima referida aponta a passagem de uma hipótese econômica datada de 1905 para uma hipótese dinâmica e tópica em 1927, que pretende esclarecer o papel do Supereu na criação humorística. Destaca a postura do humorista como efeito de um deslocamento libidinal, que leva a uma inflação do Supereu e a um empobrecimento egóico, o que igualmente poderia favorecer o aniquilamento das possibilidades de reação do Eu.

O que verificamos no Humor, todavia, em muito difere da mortificação, pois esse desequilíbrio libidinal entre as instâncias psíquicas parece favorecer o afastamento do que viria ameaçar a integridade egóica e promover a emergência do riso. A inatacabilidade do Eu se dá pelo seu empobrecimento narcísico, que promove uma desafetação egóica e permite que o mesmo se ofereça como objeto para o Supereu. Contudo, diferente do que ocorre com o melancólico, o Eu se junta ao Supereu para "farrear pobremente em sua hiperpotência" (GEREZ AMBERTÍN, 2009, p. 141). O "triunfo do narcisismo" (FREUD, 1927/2014, p. 325) mais se aproxima da aceitação de uma iminente catástrofe do que de sua recusa pelo Eu (CASTRO, 2014 apud GAMA; MENDES, 2020). Nesse sentido, o humorista *repousa* no Desamparo, entendendo que, mesmo que não possa evitá-lo, pode encontrar nele uma via para se obter uma parcela de prazer.

Esta torção particular do processo humorístico se deve ao fato de haver uma ressexualização do Supereu, que não desemboca na hipermoralidade típica da Consciência Moral, mas numa moralidade frouxa, defende Gerez Ambertín (2009, p. 140), afirmando se tratar de um "sufocamento amável do eu pelo supereu". O humor permite tanto ao Eu quanto ao Supereu assentir a uma "posição de descanso" (GEREZ AMBERTÍN, 2009, p. 139), impondo uma trégua ao conflito que tipifica essa relação.

Desta relação dissimétrica entre o Eu e o Supereu, surge o cômico como um resto deixado por esta diferença, o que possibilita que haja espaço para o descanso e o fim do confronto. A dissimetria é evidente no próprio texto freudiano sobre os Chistes e naquele dedicado ao Humor, se fazendo presente nos Chistes que dão destaque às relações de poder entre a nobreza e a plebe, amo e escravo, ricos e pobres e no par "adulto protetor"

e “criança desamparada”, o que nos leva de volta a compreensão do Supereu como substituto paterno e sua origem na identificação com o Pai (GEREZ AMBERTÍN, 2009).

Segundo Kupermann (2010), o hiperinvestimento do Supereu é consequência de uma identificação com a figura paterna, que, no caso do humor, se dá “até certo ponto”, indicando que a identificação vem acompanhada de um certo trabalho de luto em relação ao Pai, que outrora fora indispensável e demasiadamente idealizada. Neste sentido, o humorista é uma espécie de órfão, que não prescinde do pai, mas que já não é assombrado por seu fantasma. Kupermann (2010) opõe essa modalidade de identificação a identificação narcísica, que se caracteriza pela perpetuação da sombra do objeto perdido e idealizado e que leva aos quadros de Melancolia e Masoquismo.

O que Kupermann (2003) nomeia como a orfandade do humorista, referindo-se a morte do Pai idealizado, Gerez Ambertín (2009) propõe pensar como um “além do pai”, isto é, a capacidade de “rir do malefício do anseio de parricídio sem a cumplicidade e a proteção dos irmãos ou do pai Ideal”. Desse modo, verifica-se o advento de um riso diante do Desamparo causado pela queda do Pai Ideal, permitindo que haja riso sem culpa ou censura e sem sentir-se amedrontado pela face cruel do Supereu. O Supereu leva o Eu a aderir a “uma disposição para brincar com fogo (com o pior do pai) sem se queimar, obtendo ainda um certo um ganho de prazer” (GEREZ AMBERTÍN, 2009, p. 135).

Gama e Mendes (2020) também consentem com a tese da “orfandade” do humorista. Segundo os autores, o humorista, longe de assumir uma postura fálica, de herói imbatível, assente com a condição de órfão, sendo essa a condição que Mezan (2005 apud GAMA; MENDES, 2020) reconhece como indispensável para a compreensão da face benevolente do Supereu, que encarna o Pai que acalenta a sua criança, apontando a miudeza dos seus problemas e temores.

Pereda (2020, p. 89) concebe o Supereu em sua face benevolente “como uma referência à ordem da lei – não insensata mas apaziguante – e a uma entidade paterna essencialmente simbólica, que, determinando o paraíso como perdido, possibilita no humor que se goze de e pelos deslizes da palavra”. Não se trata de um Pai idealizado e totalitário, que demonstra sua onipotência, mas um Pai que faz referência à lei simbólica e que em função disso permite que haja exceção, que o sujeito possa cometer deslizes e ainda rir de si mesmo.

Gerez Ambertín (2009) esclarece que o Supereu não rompe com a sua função de observação e crítica do Eu, contudo, apresenta uma certa ironia acompanhada de uma

maior tolerância em relação às fragilidades e defeitos do Eu, daí resulta o efeito cômico que se verifica no humor. A ressexualização do Supereu é promovida pela incorporação de Eros a Thanatos, que misturam pulsão de vida e morte, fazendo com que o pequeno Eu possa se aproximar do Supereu, desdenhando da realidade que o ameaça sem qualquer ressentimento.

O supereu perpetua as moções de gozo herdadas do drama edípico. Segundo Kehl (2009, p. 91), “o supereu exige que o sujeito goze ao mesmo tempo que o proíbe de gozar”. De acordo com Ribeiro (2008 apud GAMA; MENDES, 2020), o imperativo superegóico “goze!” ganha uma nova tonalidade no Humor, distanciando-se do tom proibitivo das autoridades paternas, atualizado na voz do Supereu tirânico. Desse modo, a voz do Supereu é reinterpretada e se torna afável, afastando-se do seu sentido proibitivo e abrindo espaço para o gozo vivificante.

O Supereu ri do próprio Eu, pois parece não dar tanto crédito às suas pretensões narcisistas. Kehl (2002, p. 180), ao destacar as duas facetas do Supereu, afirma que “se o supereu sádico e rigoroso é herdeiro dos ideais de perfeição narcísica do complexo de Édipo, o supereu benigno é resultante da simbolização da castração”. Neste sentido, é quando ocorre o reconhecimento simbólico da castração e o sujeito se torna capaz de admitir a falta, que o Supereu parece perdoar os fracassos do Eu, logo, o triunfo do narcisismo seria a capacidade do Eu de manter o amor próprio mesmo em situações de fracasso.

Salles (2011), segue a compreensão de Kehl (2002) ao propor que o humorista, frente aos fracassos narcísicos do Eu, se opõe à postura vitimista do ressentido, que se recusa a assumir a responsabilidade pelas escolhas que trouxeram consequências nefastas para a sua vida e insiste em culpabilizar o outro. O humor, na qualidade de ato de palavra, não somente faz o sujeito se comprometer com esse que parece ser o seu destino como também estabelece certa distância do infortúnio que o ameaça. Recusando a posição de vítima ressentida, o sujeito preserva sua dignidade ao aceitar a condição de castrado em detrimento dos ideais narcísicos. A potência do humor está no fato do sujeito se implicar em sua infelicidade bem como na sua capacidade de reagir e enfrentar a realidade (SALLES, 2011). Para Kehl (2002, p. 180),

a condição do humor é que o *supereu* não leve tão a sério o narcisismo do *eu* e, em contrapartida, que o *eu* seja capaz de abandonar seu

compromisso de submissão às exigências de perfeição do *supereu*, herdeiras das pretensões incestuosas do complexo de Édipo.

Neste sentido, é preciso se servir da falta para não se fazer escravo dos ideais e do próprio narcisismo. Sair da posição de subserviência aos imperativos de perfeição superegóicos e admitir a Castração. Kupermann (2010) aproxima a imagem do humorista a do anti-herói, já que o mesmo recusa o lugar de onipotência reservado e ocupado pelo herói, não se envergonhando das próprias vulnerabilidades, mas rindo delas. É o que Kehl (2002, p. 157) aponta como a verdadeira vitória do Eu, que, “em circunstâncias de fracasso, perda e humilhação, ainda é capaz de lançar um olhar benigno sobre si mesmo e produzir um dito jocoso que transcenda a mesquinhez do momento”.

O Desamparo é causa de Angústia, todavia, é motor para a criação de novos objetos de satisfação pulsional, ou seja, impulsiona o sujeito a buscar o prazer exigido pelo aparelho psíquico. Neste sentido, o Desamparo pode ser compreendido como uma insuficiência no que se refere à potência narcísica do Eu, mas não deve ser considerado uma impotência no tocante à dimensão pulsional, logo, mesmo diante do fracasso do narcisismo, o Eu permanece sendo capaz de inventar saídas criativas para o seu sofrimento (KUPERMANN, 2003).

Para Gerez Ambertín (2009), o Humor é mais do que uma defesa contra a realidade, pois a ressexualização que o constitui aproxima-se do movimento sublimatório, fazendo eco à proposição feita por Kupermann (2003), de que o Humor constitui um paradigma do processo de Sublimação. Gerez Ambertín (2009) afirma que o humor é uma criação *ex-nihilo*, ou seja, emerge do nada como um esforço em representar o vazio narcísico em que o Eu se encontra.

O processo de Sublimação se completa no reinvestimento erótico do mundo e da própria existência, afirma Kupermann (2003). Em *O Eu e o Isso* (1923), Freud introduz o conceito de Supereu, todavia, o aproxima do conceito de Ideal do Eu, de modo a causar certa dificuldade na sua diferenciação. Kupermann (2003) apresenta a solução proposta por Lacan (1938) a este impasse teórico. A fim de diferenciar as duas instâncias, Lacan (1938 apud KUPERMANN, 2003) defende que o Recalque seria incitado pelo Supereu enquanto a Sublimação seria parte do trabalho do Ideal do Eu. Posicionando-se a favor da solução lacaniana, Kupermann (2003, p. 114) atribui o processo humorístico à contribuição do Ideal do Eu:

É sobretudo o ideal do ego, portanto, como signo da abertura à alteridade e da destinação do sujeito à criação contínua de novos objetos de satisfação, o responsável pelo movimento do aparelho psíquico que se poderá chamar de sublimação (o que não quer dizer que o superego não tenha nenhum papel nos processos sublimatórios)

A sublimação é um dos destinos que a pulsão encontra para se satisfazer. O processo sublimatório envolve três tempos. Inicialmente, a libido que era dirigida aos objetos é desligada dos mesmos, levando à uma dessexualização da libido. Em seguida, se volta para o próprio sujeito, marcando a passagem da libido objetual para uma libido narcísica, processo que pode ser verificado também no trabalho de luto. Todavia, para que se conclua o processo de sublimação se faz necessário que a libido narcísica seja reinvestida na criação de objetos, aos quais será atribuído um valor social e se tornarão responsáveis por sexualizar mais uma vez a libido e direcioná-la a uma nova meta. Segundo Kupermann (2010, p. 202), “a sublimação aponta, de um lado, para a possibilidade do trabalho de luto e, de outro, para o movimento metonímico do desejo, constituindo tanto uma ‘modificação da finalidade’ quanto ‘uma mudança de objeto’ da pulsão”.

Kupermann (2010), no entanto, afirma que esse processo de metamorfose da libido pode levar a outros destinos, podendo envolver a presença da Pulsão de Morte. O autor aponta que, se o processo de luto é inviabilizado, a criação não pode se efetivar, pois o objeto perdido, que deveria ser desinvestido ao final do luto, é idealizado pelo sujeito. Nesse cenário, a dessexualização que ocorre na Sublimação transforma-se em narcisismo de morte, em que a Pulsão de Morte atribui poderes sádicos ao superego, que passa a agir no sentido de mortificar o sujeito, tal como se verifica nos quadros melancólicos. Nesse sentido, Kupermann (2010, p. 202-203) contrapõe o tirânico Superego presente nos estados melancólicos ao Humor, afirmando que

o trabalho humorístico de desidealização impõe-se, portanto, como o avesso do incremento do potencial mortífero do superego promovido pela idealização do objeto, oferecendo-se, efetivamente, como paradigma do processo sublimatório.

O Ideal do Eu opera na Sublimação no sentido de se apropriar da libido dessexualizada e deslocá-la para outros objetos de satisfação sexual. Kupermann (2003 apud BOCCHI; JUNTA, 2019) aponta que a relação entre sublimação e Humor fica mais

evidente quando se reconhece a regressão infantil como ponto fundamental do Humor, que tem como principal objetivo mostrar ao Eu que a realidade é tolerável.

O Humor é um recurso psíquico que alude à brincadeira infantil, a qual não opõe a fantasia à realidade, considerando que a primeira é parte constituinte da última. O brincar não serve ao afastamento ou negação da realidade indesejável pela criança, antes disso é uma operação criativa que garante o exercício da onipotência erótica do psiquismo e tem o Ideal do Eu como instância catalisadora.

O processo humorístico aproxima-se do brincar à medida em que dilui a barreira que separa a realidade e a fantasia e abre acesso ao prazer experimentado na infância. Segundo Kupermann (2003, p. 121), “o humor, bem como a criação sublimatória, caracterizam efetivamente triunfos nos quais, porém, é reafirmada incessantemente a onipotência erótica infantil como força motriz que move o aparelho psíquico na direção da satisfação pulsional e da realização do desejo”.

Fica evidente, portanto, que o ato criativo, que envolve todo o campo da Sublimação e não somente o Humor, tem o potencial de evocar Eros e apontar saídas para o Desamparo. Os autores aqui citados acolheram a indicação freudiana e foram em busca de uma melhor compreensão do Supereu, apostando na existência de uma vertente superegóica que não age no sentido de paralisar o sujeito com as suas injunções, mas de mobilizá-lo a seguir vivendo de forma bem-humorada, enfrentando as mazelas da existência com um sorriso de quem já não tem nada a perder.

Considerações finais

Diante dos achados do presente estudo, pode-se afirmar que o Humor não se limita a uma simples defesa psíquica, mas uma dis(posição) frente ao irremediável da vida: o Desamparo fundamental e a inevitabilidade da Morte. Freud nos fala de um triunfo do narcisismo presente no fenômeno do Humor, que autores como Kehl (2002), Salles (2011), Pereda (2020), Gama e Mendes (2020) esclarecem não se tratar de postura de prepotência narcísica, indicando que a vitória do Eu reside na sua capacidade de reconhecer suas falhas e acolher os seus fracassos a partir da simbolização da Castração.

Acerca do hiperinvestimento da instância superegóica, presente tanto no Humor quanto na Melancolia, pôde-se depreender que no Humor ocorre uma erotização do Supereu, que passa a exibir uma face benevolente, a qual acolhe o Eu e não o culpabiliza

pelos seus fracassos narcísicos, promovendo um gozo vivificante a partir de produções risíveis.

Tanto Kupermann (2003) quanto Gerez Ambertín (2009) não concordam que o Humor constitui uma defesa psíquica, mas apontam que o mesmo se aproxima mais do processo de Sublimação, dado que se trata de um ato de criação simbólica que visa à obtenção de prazer em cenários potencialmente angustiantes. A maior parte dos autores citados faz referência à instância paterna quando discutem o lugar do Supereu no Humor, sublinhando que há uma identificação com o Pai, mas que esse Pai já não ocupa o lugar de Ideal, o que levou Kupermann (2010) a atribuir a condição de orfandade ao humorista, uma vez que prevê um trabalho de luto do Pai idealizado.

A realidade, que por vezes se mostra castradora ou mesmo mortífera, nos causa Angústia e incita defesas que buscam nos proteger do desprazer, mas que nem sempre são sem sofrimento. Apostar no Humor não é o mesmo que postular que o mesmo tem o poder de livrar o Eu de todo sofrimento, mas acreditar no seu potencial de amenizar os efeitos nefastos da realidade ao consentir com a perda e sorrir apesar e em razão dela.

Referências

- BARTH, Luís Fernando Barnetcher. A pele do Onagro e o último chiste de Freud. **Polifonia - Estudos Literários**, Cuiabá, v. 23, n. 34, p. 180-196, jul-dez., 2016. Disponível em <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/5354>>. Acesso em 04 nov. 2022.
- BOCCHI, Josiane Cristina; JUNTA, Augusto Cesar. Ironia, humor e sublimação: o papel dos chistes no laço social. **Psicol. pesq.**, Juiz de Fora, v. 13, n. 3, p. 138-158, dez., 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472019000300007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 nov. 2022.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas**: O chiste e sua relação com o inconsciente (1905). Tradução: Fernando Costa Mattos; Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, v. 7.

- FREUD, Sigmund O Eu e o Id (1923), In: **Obras completas: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1924)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 16, p. 13-74.
- FREUD, Sigmund Neurose e Psicose (1924), In.: **Obras incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão**. Tradução: Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 271-276.
- FREUD, Sigmund Inibição, sintoma e angústia (1926), In: **Obras completas: O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v. 17, p. 13-123.
- FREUD, Sigmund O humor (1927), In: **Obras completas: O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, v. 17, p. 322-330.
- GAMA, Laene Pedro; MENDES, Ana Magnólia. O humor no entrecruzamento da política e do trabalho numa perspectiva psicanalítica. **Psicologia em Estudo** [online]. v. 25, p. 1-14, dez. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.48176>>. Acesso em 4 nov. 2023.
- GEREZ AMBERTÍN, Marta. Humor negro e Supereu. In: **As vozes do Supereu: na clínica psicanalítica e no mal-estar na civilização**. Tradução: Stella Chebli. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2009, p. 135-143.
- KEHL, Maria Rita. Humor, poesia e erotismo. In: **Sobre ética e psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 171-192.
- KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.
- KUPERMANN, Daniel. **Ousar rir: humor, criação e psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- KUPERMANN, Daniel Humor, desidealização e sublimação na psicanálise. **Psicol. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 193-207, jun., 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pc/a/FqFMMWxHHqySnpJjbQpPMFP/?lang=pt>>. Acesso em 20 nov. 2022.
- PEREDA, Luis Campalans. Humor e Psicanálise. In: SLAVUTZKY, Abrão; KUPERMANN, Daniel (org.). **Seria trágico... se não fosse cômico: humor e psicanálise**. 2 ed. Porto Alegre: Artes & Ecos, 2020, p. 81-94.

RICHTER, Ernesto Pacheco; SHIBAKI, Alberto Souza. Chistes: do soslaio a um olhar psicanalítico. **Psicanálise & Barroco em Revista**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2021. Disponível em: <http://seer.unirio.br/psicanalise-barroco/article/view/7357>. Acesso em 9 nov. 2022.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa. Humor: dor e sublimação. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 33, n. 61, p. 21-27, jun. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952011000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 7 nov. 2022.

ABSTRACT

The present text aims to undertake a discussion about the Freudian conception of humor, emphasizing the participation of the Superego in the creation and disposition of humor. It is intended, initially, to highlight the metapsychology of humor from the Freudian texts “The joke and its relation with the unconscious” (1905) and “The humor” (1927), highlighting the introduction of the concept of Superego in order to elucidate the humorist's attitude towards himself; then, perform an articulation between the notions and concepts of helplessness, castration, anguish and death in order to relate them to the Superego in its tyrannical face. Finally, discuss the participation of the Superego in the humorous process based on the Freudian thesis of its overinvestment and studies of contemporary authors who have contributed to the advancement of the understanding of the Superego's disposition, qualified as benevolent. It is, therefore, a literature review, whose findings point to a vivifying vision of the Superego, which allows the subject to enjoy, even in the face of the adversities of life and its vulnerabilities, through the symbolization of castration and the eroticization of the Superego.

Keywords: Humor. Psychoanalysis. Superego. Anguish. Castration.

RESUMEN

El presente texto tiene como objetivo emprender una discusión sobre la concepción freudiana del humor, dando énfasis a la participación del Superyó en la creación y disposición humorística. Se pretende, inicialmente, evidenciar la metapsicología del humor a partir de los textos freudianos “El chiste y su relación con el inconsciente” (1905)

y “El humor” (1927), destacando la introducción del concepto de Superyó con el objetivo de dilucidar la actitud del humorista consigo mismo; posteriormente, realizar una articulación entre las nociones y conceptos de desamparo, castración, angustia y muerte a fin de relacionarlos con el Superyó en su cara tiránica. Finalmente, se discute la participación del Superyó en el proceso humorístico a partir de la tesis freudiana de su superinvestidura y de estudios de autores contemporáneos que han contribuido con el avance del entendimiento de la disposición del Superyó, calificada como benevolente. Se trata, por lo tanto, de una revisión de la bibliografía, cuyos descubrimientos han apuntado a una visión vivificante del Superyó, que permite al sujeto gozar de la vida, a pesar de sus adversidades y de sus vulnerabilidades, por medio de la simbolización de la castración y de la erotización del Superyó.

Palabras clave: Humor. Psicoanálisis. Superyó. Angustia. Castración.

RÉSUMÉ

Ce texte vise à entreprendre une discussion sur la conception freudienne de l’humour, en soulignant que le surmoi participe à la création humoristique et à la disposition d’esprit humoristique. On cherchera d’abord à mettre en évidence la métapsychologie de l’humour à partir des textes de Freud intitulés « Le mot d’esprit et sa relation à l’inconscient » (1905) et « L’humour » (1927), en mettant en relief l’introduction du concept de surmoi, afin de percer à jour l’attitude de l’humoriste envers lui-même ; ensuite, on assemblera les notions et les concepts de désarroi, de castration et de mort, pour les relier au surmoi sous son aspect tyrannique. Enfin, on discutera du rôle joué par le surmoi dans le processus humoristique, à partir de la thèse freudienne du surinvestissement et des travaux effectués par des auteurs contemporains, qui ont contribué à faire avancer la compréhension des dispositions du surmoi, qui est qualifié de bienveillant. Il s’agit donc d’une relecture d’où ressort un regard vivifiant sur le surmoi, qui permet au sujet de jouir malgré les adversités de la vie, auxquelles il est confronté, et malgré sa vulnérabilité, par le biais de symbolisation de la castration et de l’érotisation du surmoi.

Mots clés : Humour. Psychanalyse. Surmoi. Angoisse. Castration.

LUCAS PEREIRA LUCENA

Pós-graduando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. (bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES).
lucplucena@gmail.com

Orcid: 0000-0002-6274-422X

LAÉRIA FONTENELE

Psicanalista.

Professora Titular Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará – UFC.

Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Fortaleza.

Membra da Academia Cearense de Letras (ACL) e da Academia de Letras e Artes do Nordeste.

laeria@ufc.br

Orcid: 0000-0003-1356-7631

Citação:

LUCENA, Lucas Pereira; FONTENELE, Laéria. O humor e as faces do Supereu. **Psicanálise & Barroco em Revista**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, dez. 2022.

Submetido: 22.09.2022 / Aceito: 14.11.2022

COPYRIGHT

Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio para propósitos não-comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados / This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium for non-commercial purposes provided the original authors and sources are credited.

